

O PERFIL DO LEITOR ACADÊMICO DOS CURSOS DE BACHARELADO

Margarete Maria Soares Bin

Universidade de Passo Fundo (UPF), Passo Fundo, RS, Brasil.

E-mail: <margaretesbin@yahoo.com.br>.

RESUMO

A leitura é um tema que envolve preocupação em todos os cantos do mundo. Sabendo disso, a intenção por meio deste artigo é contribuir com avanços sobre a leitura à comunidade acadêmica, em especial a esse perfil de estudantes e a todos que se interessarem sobre o assunto. Não é possível continuar associando leitura somente com ensino fundamental e cursos de licenciatura, é imprescindível um olhar voltado para os estudantes dos cursos de bacharelado, principalmente fazendo-os perceber que por meio da leitura estarão exercitando a pesquisa, poderão participar de forma efetiva da sociedade e ampliarão seus conhecimentos. Outrossim, verifica-se pelas pesquisas bibliográficas apontadas, que há vários motivos pelos quais os estudantes que chegam ao Nível Superior, têm essa lacuna, ou seja, a falta de leitura ou leitura fragmentada. Dentre eles pode-se destacar o meio familiar, social, escolar, falta de incentivo, entre outros fatores. Por isso, o docente deve estar preparado para resgatar e conquistar estudantes leitores, por meio de um trabalho realizado em sua disciplina, especialmente para os iniciantes, pois a intenção é a de motivá-los a ler desde o momento que ingressam na graduação, para que assim se perpetuem. Ainda, buscou-se apontar outras estratégias de como pode-se tentar reverter esse quadro: uso de suporte digital e informações aos estudantes dos benefícios da leitura para toda a vida. **Palavras-chave:** Acadêmicos. Leitura. Educação.

1 INTRODUÇÃO

Muito se tem debatido sobre a falta de leitura, porém às vezes, não se dá a merecida atenção a um público específico, que não pode ser abandonado nas discussões acadêmicas, simplesmente por estar na graduação: os acadêmicos do Curso de Bacharelado. Cabe refletir sobre como chegam esses possíveis leitores à Universidade, se estão lendo, o que estão lendo, como estão lendo e em caso de não estarem lendo o que os impede de exercer tal prática. Apresenta-se aqui alguns posicionamentos de autores que enfatizam seus trabalhos para a formação de leitores.

Por meio dos apontamentos aqui apresentados mostra-se o quanto importante torna-se trabalhar com a leitura em todos os níveis de aprendizagem, ou seja, o estímulo para formar leitores

deve ser considerado inclusive na graduação. Mesmo que muitos estudantes se mostrem resistentes à leitura, o docente não pode desistir, é preciso entender que durante o percurso escolar que vivenciou muitos fatores podem ter dificultado esse contato com os livros e algumas vezes nem existiram. É possível reverter esse quadro, mas irá depender muito da mediação do professor e do interesse do estudante. Apresentam-se, assim, possíveis alternativas de trabalho e uma visão geral de como estão se formando os estudantes.

A tecnologia se apresenta como uma possível alternativa, pois a interatividade faz parte da vida dos estudantes e pode ser um meio de fazer com que esses leiam. Além dela, acrescenta-se outros, como por exemplo o meio social e o professor, que estará em contato direto com o acadêmico.

2 DIFICULDADES E ESTRATÉGIAS DE LEITURA

Observa-se constantemente na mídia a divulgação de dados referentes à leitura em nosso país. Os índices geralmente mostram-se assustadores quando se pensa quão grande é a importância de ler para todos e tão pequena a proporção de leitores. Parece que a sociedade, muitas vezes, vincula leitura somente a estudantes e especificamente de escola básica e mesmo a esses os números não são satisfatórios. Isso se comprova quando se verifica os dados apresentados no livro *Retratos da leitura no Brasil*, capítulo “Esse Brasil que não lê” da autora Tânia Mariza Kuchenbecker Rosing (2012). Em decorrência desses dados observa-se que a referida autora apresenta como possíveis causas dessa situação as formações dos professores às quais deixam a desejar, esses mesmos profissionais que deveriam ser o exemplo de leitores na maioria das vezes falham como profissionais docentes e os poucos e opacos programas de formação de mediadores de leitura.

Em razão disso, percebe-se que o entendimento sobre leitura fica prejudicado, pois se os disseminadores da prática leitora falham na qualidade da própria formação o que dizer do desenvolvimento daqueles que estão a mercê dos docentes, por isso se a base está mal estruturada (ensino fundamental) mais difícil está em dar o acabamento (ensino médio). Sendo assim, os avanços em leitura tornam-se lentos, não havendo na maioria das vezes o êxito tão esperado. Não se poderia deixar de complementar com as colocações de Fabiane Burlamaque (2006, p. 82), de acordo com a referida autora “diversas pesquisas com foco na questão da leitura no Brasil mostram que muitos professores são não leitores e isso é lamentável”.

Cabe salientar que o perfil de jovens leitores apresentados por Failla (2012) seguindo a pesquisa denominada *Retratos da Leitura no Brasil* realizada pelo Instituto Pró-Livro e aplicada pelo Ibope Inteligência em 2011 torna-se importante subsídio para entender como os estudantes chegam à Universidade, ou seja, qual seu nível de leitura. A pesquisa pretende conhecer o comportamento do leitor brasileiro a partir dos cinco anos. Segundo os dados dessa pesquisa, o adolescente mostra-se como o público que mais lê, mas ainda lê pouco. Dentre os principais motivos para não lerem destaca-se: a falta de interesse, paciência e tempo. Isso mostra que não foram incentivados a

ler, ocupando-se de outros entretenimentos (televisão, música, internet). Se os jovens se envolvem com diferentes atrações, a tarefa fica mais árdua na tentativa de fazer com que leiam, porém, o docente não deve se distanciar das tecnologias, ao contrário, deve utilizá-las como alternativa para conquistar os eleitores. Para Failla (2012, p. 81):

A tecnologia e a mídia assumiram papel central ao promover novas capacidades e modos de pensar e se relacionar, além de criar “ondas”, celebridades e seguidores estranhos à grande mídia. Essas mudanças na tecnologia e no acesso à cultura digital, a mobilidade e a conexão contínuas e o compartilhamento em rede, além de gerarem uma mudança de paradigma nas relações, na produção e no acesso à cultura, devem impactar também nas formas de leitura, em seus suportes e no acesso à informação; portanto, na aprendizagem e na construção do conhecimento.

Disso, salienta-se que dos jovens que leem, pouquíssimos leem livros digitais (*e-books*), mas esse suporte bem como o uso do computador para leitura podem ser vistos como estratégias a fim de estimular os jovens a lerem na Universidade. Sobre isso pode-se acrescentar seguindo Rettenmaier (2013) que a concepção de internet dos mais velhos já está desatualizada, pois “as diferenças culturais entre as gerações estariam além da oposição entre livro e computador, mas entre telas diferentes pela ação do olhar de quem lê”. Vê-se, então:

Nossa geração entendeu a internet como uma espécie de biblioteca, onde podemos achar documentos, imprimi-los, mas esta geração entende a internet como um lugar de compartilhamento. As comunidades virtuais estão apenas a dois cliques, e os jovens sabem disso. Eles colocam suas fotos digitais na internet e mostram para o mundo inteiro; eles participam em comunidades virtuais. Nós estamos saindo de uma cultura representativa para uma cultura participatória, e isso tem um tremendo efeito não apenas nas universidades e nas escolas, mas também nos partidos políticos, nos governos e nas empresas (ROSING; RETENMAIER, 2010, p. 56).

Eis porque Santaella (2013) utiliza o termo ubiquidade. Para a autora não há mais como separar o viver e narrar a vida enquanto ela passa. É uma condição de simultaneidade que ocorre, com a possibilidade de atualizar os dispositivos móveis a qualquer hora e em qualquer lugar. O

leitor ubíquo ao mesmo tempo que circula pelos ambientes, lendo os sinais desses ambientes, ao toque no equipamento que está em sua presença pode conectar-se com pessoas próximas ou muito distantes.

Além disso, o ato de ler vai além de decifrar letras, unindo-as à imagem no cotidiano sem, muitas vezes, as pessoas se darem conta disso. O digital está criando uma nova linguagem, a qual mescla visual, verbal e sonoro.

Levando em considerações as colocações dos autores, há que se acrescentar que Failla (2012) salienta que é preciso mais professores leitores com formação cultural e domínio das práticas leitoras que sejam cativantes. Ou seja, é preciso usar de todos os instrumentos atuais para conquistar leitores, principalmente aos que saíram da fase da educação obrigatória e estão prosseguindo seus estudos na fase adulta.

Não se poderia deixar de enfatizar a importância da ciência e o papel que a universidade tem na formação de pesquisadores. No entanto, segundo Rezende (2010) se o alvo é formar alunos críticos, reflexivos, autônomos e capazes de construir conhecimento, há que ensiná-los a ler e fazê-lo bem. Ler para informar-se, para refletir frente a diferentes ideias, situar-se e tomar posições que auxiliem na construção de um mundo melhor e mais saudável. Soma-se a isso, as colocações de Rosane Tolentino Maia:

“Nos últimos anos, tem sido um aparente consenso na comunidade acadêmica brasileira o de que instituições de ensino universitário devem aliar às práticas de ensino tradicional, elementos que promovam o desenvolvimento do pensamento crítico-reflexivo dos alunos, permitindo, através de uma visão real do mundo, detectar os problemas que o assolam e ao mesmo tempo, dotá-los de ferramentas capazes de promover medidas que ajudem solucioná-los” (MAIA, 2008, p. 1).

A esse respeito Buarque (1994) enfatiza a importância da Universidade, a qual cabe gerar saber de nível superior para viabilizar o funcionamento da sociedade e, quando isso acontece, cada Universidade faz parte de uma infraestrutura científica e tecnológica capaz de encontrar caminhos para o conjunto da sociedade.

Ressalta-se que com tanto incentivo que é dado na educação, a fim de que os estudantes ingressem na graduação, o que se observa é o au-

mento do número de estudantes no ensino superior. Segundo dados divulgados pelo Instituto de Geografia e Estatística (IBGE) de 4 de dezembro de 2015, os estudantes de 18 a 24 anos que frequentam ensino superior no Brasil é 25 pontos percentuais maior que o de dez anos antes, dados estes informados pela EBC.

Levando em conta esse índice considerável, há necessidade básica do domínio de um projeto de pesquisa acadêmica que resgate o estudante leitor e que assim se perpetue. A partir dessa consideração, cabe ressaltar que o primeiro ano da graduação é o momento de transição entre a adaptação ao sistema de ensino superior, autonomia como estudante, contato com as regras básicas científicas para ler e escrever artigos (para muitos é a primeira vez que têm contato com textos mais elaborados e, portanto, um outro formato de leitura), além disso mostram-se resistentes à leitura científica. Assim, é neste período que a função do docente se torna primordial proporcionando atividades que permitam o estudante entrar em contato com vários tipos de textos e independente da disciplina. Outro item não menos importante é desenvolver atividades utilizando-se do texto na íntegra, seja ele um livro ou um artigo, pois o dia a dia já é muito truncado: pensa-se de forma fragmentada, fala-se fragmentado, escreve-se fragmentado. Além do mais, em boa parte da vida, este estudante contou com resumos de textos.

Para Regina Zilberman (2012, p. 110),

Ao atuar com leitura o professor não a associa de imediato ao livro de ficção ou quando se trata das séries iniciais à literatura infantil. O objeto de leitura que circula na escola é o livro didático. Neste a literatura faz sua entrada de modo distinto: é texto, parte de um todo mais completo. O texto provém de uma obra literária, tomada integral, como um poema ou conto ou parcialmente como um segmento de romance. Porém ao ser transportado de uma situação a outra ele assiste ao obscurecimento de sua origem = o livro de onde proveio, o patrimônio artístico e cultural que pertenceu.

Assim, o ato da leitura representa um processo fundamental na vida acadêmica, pois, a mesma “[...] contempla uma necessidade, que pode ser profissional, existencial ou a simples necessidade do prazer de ler” (CARAVANTES, 2006, p. 25).

Agrega-se a isso as colocações de Pires (2012), para ele a leitura está associada à formação educa-

cional da pessoa desde a sua infância, passando pelos estágios da vida e da educação, sendo que o incentivo a essa prática de suma importância para o ser humano faz-se necessária para o ingresso no ensino superior, configurando-se como fundamental para formar indivíduos com uma visão de mundo mais abrangente e satisfatória.

Para o referido autor, a universidade, por ser uma unidade de ensino bastante respeitada por conferir um nível alto de aprendizagem ao discente, na maioria das vezes, é a responsável por estimular o incentivo à leitura, devido o estudante perceber a necessidade de adotar essa prática no seu dia a dia através da bibliografia que o professor sugere a cada disciplina cursada, sendo que para o futuro profissional é essencial desenvolver o hábito de ler, para ficar atualizado com o que está sendo produzido na sua área de atuação profissional.

Nessa perspectiva, “[...] estes indivíduos podem mudar o seu modo de pensar, analisar, questionar, produzir e conceber a realidade, tornando-se objetos ou sujeitos da leitura” (AQUINO, 2000, p. 31), tornando-se, assim, fundamentais para um desenvolvimento mais proficiente da humanidade quanto à questão científica e cultural.

Para se entender o quanto a leitura torna-se primordial para qualquer área de atuação, basta observar por exemplo: Um engenheiro agrônomo, para desenvolver uma pesquisa inovadora necessita de leituras, às quais promovam discussões com seus pares a fim de desenvolver o melhor projeto. Inclusive, há muitos livros literários que oportunizam associações entre o imaginário e o aprendizado científico, ainda, leva-se em consideração que a maioria dos graduandos deste curso, são filhos de agricultores ou tem algum vínculo ou trabalho no meio rural, artigos nesta área podem ser bem-vindos por eles, já que dizem respeito ao que eles vivem, podendo ser um excelente atrativo e a partir deles ir avançando nas leituras.

Levando em consideração que a leitura oportuniza conhecer diversas situações mesmo sem as ter vivenciado, pode-se complementar que um advogado ao defender uma causa em favor do seu cliente precisa de argumentos convincentes e bem elaborados para tentar persuadir os jurados e juízes, sendo assim a leitura oportunizará o aprimoramento da escrita e, em decorrência disso, aumentar o vocabulário, escrever com precisão, inclusive num recurso.

Para exemplificar melhor, cita-se que uma das pesquisas realizada pela autora Michèle Petit

(2006) tem como foco pessoas do meio rural e os marginalizados da França, mostrando quão importante é a leitura para melhorar o desempenho. Porém pode ser muito bem aproveitado para o Brasil, já que, segundo a pesquisadora, por meio da leitura alguns aprendem também a importância dos exemplos, da arte de argumentar, de debater, que não raro, os pesquisados eram malvistas em seu ambiente de origem.

Outro profissional que se faz presente na sociedade é o administrador. Em se tratando das incumbências por ele exercidas, com tantos documentos que recebe e envia, que precisa aprimorar sua comunicação oral e escrita, que ministra reuniões onde as citações são bem-vindas, a leitura torna-se aliada a fim de liberar ideias criativas. Mais uma categoria em destaque, é a dos engenheiros civis, à qual precisa atualizar-se constantemente e, por meio da pesquisa, lendo artigos científicos da área, terão acesso às mudanças no transcorrer do tempo. Neste caso, também é preciso um olhar voltado para a transformação cultural, é preciso sair dos manuais e se aventurar por livros literários, eles têm muito a dizer sobre as mudanças sociais e que farão entender a realidade, a fim de propor soluções para o presente.

Quando se fala em informática com certeza se associa a atualização, assim o profissional denominado Bacharel em Ciências da Computação tem como item primordial ser capaz de se adaptar às constantes mudanças tecnológicas e sociais. Para isso, o melhor é utilizar do próprio suporte de trabalho para proceder a leitura, ou seja, sair do impresso ao expandido. Esses foram alguns exemplos de profissionais dos cursos de bacharelado que se formarão nas universidades ou faculdades e que precisam adquirir (caso ainda não o tenham) o hábito de leitura.

Diante dessas informações, o que se percebe é que não é possível que a leitura continue a ser entendida como tarefa de estudantes de ensino básico ou obrigação aos cursos de Licenciatura, principalmente de Língua Portuguesa, ela é de extrema importância para qualquer categoria da sociedade.

Enquanto isso, ampliam-se as queixas dos docentes quanto aos estudantes que ao ingressarem na universidade, principalmente dos Cursos de Bacharelado, os quais têm dificuldades em interpretar, escrever artigos, suas produções textuais não são claras, enfim, falta a leitura. Sem contar, que muitos não gostam de ler e, se lhes for ques-

tionado quando foi a última vez que leram, não conseguem informar com precisão. Para Failla (2012) a baixa qualidade de ensino oferecida pelo Brasil gera o desinteresse pela escola, pela leitura, os quais não dominam a compreensão leitora. Assim, o trabalho dos docentes na graduação torna-se mais difícil, pois o estudante já tem uma caminhada e uma percepção do que é, para ele, leitura.

Cabe ressaltar que Michèle Petit comprova por meio de suas pesquisas que a leitura é a chave a qual as pessoas recorrem em muitos momentos de crise (seja econômicas intensas, catástrofes naturais, mudança ou situação nova que tira as pessoas do seu cotidiano), agindo como uma terapia aplicada de forma singular a cada pessoa e que tem gerado êxito. Diante disso, há que se ressaltar seguindo Petit (2008) que de modo geral, os jovens que leem literatura, por exemplo, são também os que têm mais curiosidade pelo mundo real, pela atualidade e pelas questões sociais. Disso, pode-se constatar que não são somente leituras técnicas que auxiliam os graduandos, mas que a literatura, ajuda e muito. “Estou convencida de que a leitura, em particular a leitura de livros, pode ajudar os jovens a serem mais autônomos e não apenas objetos de discursos repressivos ou paternalistas” (PETIT, 2008, p. 19).

Além disso, a autora faz referência a questão da identidade. Para ela, a elaboração de uma identidade própria, que a leitura favorece, é a forma de permitir o acesso a outras formas de sociabilidade. E que ela podia constituir um fundamento da cidadania, desse direito de participar ativamente das diferentes dimensões da vida social, de ter uma opinião atuante. Isso feito, que pudesse então contribuir para dar um conteúdo vivo à democracia.

Segundo Petit (2008, p. 61) “a leitura é um meio para se ter acesso ao saber, aos conhecimentos formais e, sendo assim, pode modificar as linhas do nosso destino escolar, profissional e social”. Pode-se acrescentar, seguindo a referida autora, que não se adquire um saber apenas para fins de uso imediato, prático. Ainda, o saber acumulado pode ser uma maneira de iniciar uma conversação. Para Petit, na adolescência, na juventude e durante toda a vida os livros são companheiros que consolam e às vezes neles são encontradas palavras que permitem expressar o que as pessoas têm de mais secreto, de mais íntimo.

Nesse sentido, o presente trabalho visa mostrar para a sociedade / comunidade que a leitura

se faz imprescindível para todos os estudantes de graduação (bacharelado), pois antes de classificá-los como estudantes são cidadãos e, como tal, precisam participar de muitas decisões em sociedade. Porém, vários não se dão conta do quanto é importante ler, outros só percebem muito tarde que deveriam ter aproveitado melhor o período de estudante. Em consonância com o que foi dito, observa-se que muitas pessoas, já formadas, perceberam que houve essa lacuna enquanto estiveram na posição de estudantes e hoje tentam se manter atualizadas, informadas, com leituras interessantes e selecionadas, sabendo que as mesmas poderão gerar conhecimentos, podendo ser compartilhadas com outras pessoas. Cabe aqui as considerações de Rosing (2012, p. 15):

Assim, a queda dos índices de leitura não pode ser analisada unicamente no âmbito dos últimos três anos. São diferentes gerações que precisam ser conscientizadas sobre a importância da leitura, sobre os benefícios da leitura literária na ampliação do imaginário, na determinação de novos horizontes. É no convívio entre representantes de diferentes gerações que pode ocorrer um compartilhamento de ideias, de emoções advindas do processo coletivo de construção do conhecimento, do intercâmbio de relações com significativas manifestações da cultura, das artes, descobrindo novas modalidades de expressão individual, social, em rede, numa perspectiva intercultural.

Cosson (2014) em uma entrevista concedida à revista *Práticas de Linguagem* diz que “as dificuldades de leitura são, em muitos casos, consequências de um ensino fragmentado e sem objetivos claros, um ensino ‘impressionista’ para lembrar da crítica feita com base em critérios pessoais de erudição e bom gosto”. Com efeito, um estudo das mudanças ocorridas no decorrer do tempo, são apresentadas pela autora Regina Zilbermann (2009) no capítulo “A escola e a leitura da literatura”, exibindo um histórico lento do desenvolvimento tanto da leitura quanto da escrita em nosso país.

Torna-se relevante pensar sobre os problemas que podem ser relacionados com a forma como a literatura foi trabalhada em sala de aula em anos anteriores da graduação, principalmente no ensino médio, talvez o estudante não tenha se deparado, no decorrer de sua existência, com bons mediadores, a biblioteca pode não ter sido o espaço adequado de receptividade e convite à lei-

tura. A instituição familiar, primeira neste processo de recepção da leitura, mostra-se muitas vezes frustrante.

Diante de tal colocação acrescenta-se, seguindo Michèle Petit (2006), que várias pesquisas confirmaram a importância da familiaridade precoce com os livros, de sua presença física na casa, de sua manipulação, para que a criança se tornasse, mais tarde, um leitor. O ambiente favorece. Soma-se aos benefícios da leitura que acontece no lar, a leitura realizada pelos adultos e o papel das trocas de experiências relacionadas aos livros, em particular as leituras em voz alta, em que os gestos de ternura, a inflexão da voz, se misturam com as palavras, sabendo, inclusive, que a primeira mediação que acontece tem relação com a mãe.

Na França, segundo Petit (2008, p. 141) “a criança cuja mãe lhe contou uma história toda noite tem duas vezes mais chance de se tornar um leitor assíduo do que aquela que praticamente nunca escutou uma”. Entretanto, para a autora citada, mesmo que a leitura seja em grande parte uma questão de família, também é influenciada por um contexto mais amplo, um ambiente que convida ou desestimula a aproximar-se dos livros, assim, uma história de encontros. O lar é a primeira instituição social e em decorrência dessa, a influência das demais instituições: avó, bibliotecária e professor.

Além do mais, para Michèle Petit (2008) a leitura pode ser, em todas as idades, justamente um caminho privilegiado para se construir, se pensar, dar um sentido à própria experiência, à própria vida. Se o papel da leitura na construção de si mesmo é particularmente sensível na adolescência e na juventude, pode ser igualmente importante em todos os momentos da vida em que haja a necessidade de se reconstruir.

Um ponto relevante foi destacado por Petit (2008), a qual enfatiza que muitas pessoas se sentem pouco à vontade em aventurar-se na cultura letrada devido à sua origem social, ao seu distanciamento dos lugares do saber. Soma-se a isso, a instituição escolar que, várias vezes, mostra-se discriminante, pois exclui os menos favorecidos e além dela, há que se considerar a sociedade num geral. Segundo Petit (2009) os determinismos sociais não são absolutos: na França, um terço dos filhos de operários lê ao menos um livro por mês, e um terço dos filhos de executivos lê menos de um livro por mês.

No decorrer dos últimos trinta anos, as diferenças entre as categorias sociais diminuíram

para os que têm menos de 25 anos (infelizmente, isso é resultado, sobretudo, da diminuição do número de leitores assíduos nas categorias superiores). Mesmo nos meios mais familiarizados com o livro (inclusive nos meios editoriais e das bibliotecas, da universidade ou da pesquisa científica), muitos são os que não leem ou que limitam sua prática de leitura a uma área profissional restrita ou a um determinado gênero de livro.

É comum encontrar universitários que leem apenas teses e trabalhos de mestrado, bibliotecários que se limitam a ler as contracapas dos livros e revistas técnicas ou professores de literatura que folheiam apenas os manuais pedagógicos. Ainda, convém lembrar que quer se trate de ficção, de poesia ou de ensaios com estilo elaborado, não pertence à mesma ordem que ler uma revista de motocicletas ou um manual de informática, ainda que, com certeza, seja preciso apropriar-se da maior variedade possível de suportes de leitura. E que ler Kafka não é a mesma experiência que ler romances de espionagem de baixa qualidade.

Daí decorre a dimensão do encontro com um mediador, das trocas, das palavras “verdadeiras”, as quais são essenciais. Mas, se realmente a maioria dos jovens não leem cabe aqui a pergunta de Petit (2008, p.138): “Como nos tornamos leitores?” Em grande parte, é uma questão de meio social. Os interditos, os obstáculos, podem ser numerosos para os que provêm de um meio pobre, mesmo que tenham sido alfabetizados: poucos livros em casa, a ideia de que a leitura não é para eles, a preferência que se dá às atividades compartilhadas em detrimento destes prazeres egoístas, dúvidas sobre a utilidade dessa atividade, o difícil acesso à linguagem narrativa, tudo que pode dissuadi-los de ler.

Por conseguinte, ressalta-se que para Michèle Petit (2008) ainda hoje, alguns mediadores do livro, gostariam de encerrar os leitores vindos de meios sociais desfavorecidos em leituras consideradas “úteis”, ou seja, aquelas que supostamente lhes serviriam de forma imediata em seus estudos ou na procura de um emprego. Para isso a autora acrescenta que as divisões que estabelecem uma oposição entre leituras denominadas úteis e leituras consideradas como distração não valem mais, pois os leitores podem se divertir com o movimento das estrelas, e pensar que seja útil e precioso descobrir palavras que dão voz a seus medos ocultos ou um sentido à sua vida. “Não se deve opor a leitura considerada instrutiva àquela que estimula a imaginação, uma aliada

à outra, podem contribuir para o pensamento, que precisa de lazer, desvios passos fora do caminho”. (PETIT, 2008, p. 28). Ou seja, é um momento de interioridade que leva à reflexão.

Porém não basta que se leia qualquer coisa como uma espécie de missão a ser cumprida, é necessária orientação do que ler e haver uma seleção. Para se avançar no entendimento, deve-se observar, de acordo com Petit (2009), que por meio da difusão da leitura, cria-se um certo número de condições propícias para o exercício ativo da cidadania. Propícias, necessárias, mas não suficientes. Se existe uma leitura que auxilia a transformar, existe também uma outra que só conduz aos prazeres da regressão.

Além disso, muitos têm por equívoco relacionar leitura apenas à área de aprendizagem do graduando, esta é imprescindível, mas é possível fazer mais. Há muitos livros de literatura que podem ser trabalhados nas disciplinas, mas é necessário que o professor faça esse levantamento e isso só será possível se ele for um leitor proficiente e constante, caso contrário a leitura cumpre apenas em partes a sua função. Eis o motivo de diversas bibliotecas estarem desprovidas de acervos literários, disponibilizando somente livros técnicos destinados aos cursos que a faculdade oferece. Sem contar que os acervos oferecidos em muitas instituições não se mostram atrativos e vários dos estudantes nem sequer visitam tal ambiente.

Ainda, há muitos estudantes universitários que relacionam leitura com a atividade específica da disciplina de literatura, como se ler pudesse ser uma atividade abandonada depois que o estudante ingressasse para o ensino superior. Isso leva profundamente a repensar, enquanto educadores o que se está entendendo por literatura e com se está ensinando.

As informações referentes à pesquisa de Petit (2008, p. 124) na França trata sobre a forma como se ensina leitura e isso pode ser associado ao Brasil. “Queixam-se dos cursos em que se dissecam os textos, nos quais não conseguem se reconhecer. Das abomináveis ‘fichas de leitura’, dos programas de curso que rendem culto ao passado, de todo o jargão tomado de empréstimo à linguística com o qual são sufocados etc.”

Mediante esse quadro desolador, Cosson (2009) aponta alternativas, cita como referência o seu livro “Círculos de leitura e letramento literário”, o qual contempla uma investigação que consistiu em verificar como diversos grupos de leitores organizavam e praticavam suas leituras coletivas.

A descoberta primordial de tal pesquisa está relacionada com o círculo de leituras, ou seja, a formação de comunidades de leitores às quais conduzem ao letramento literário. A ênfase aparece aqui no envolvimento de toda a instituição para o êxito do projeto. Como nem sempre isso ocorre ou quando acontece é com pouca participação e então logo é enfraquecida, entra a função dos livros como mediadores, condutores desse processo sugerindo práticas de leitura. Convém ressaltar outro livro de suma importância “Andersen e as estratégias de leitura-atividades práticas no cotidiano escolar” (SANTOS; SOUZA, 2011), nele as autoras mostram as estratégias de leitura: conhecimento prévio, conexões, inferência, visualizações, perguntas ao texto, sumarização e síntese.

Disso observa-se que o trabalho a ser desenvolvido pode envolver toda a comunidade acadêmica, ou seja, familiares, colaboradores dos diversos setores, docentes, líderes, bibliotecários, enfim, um projeto amplo e sério que abarque o público pertencente ao círculo desses universitários com um único objetivo: formar leitores. Para execução do trabalho, a variedade de livros e a orientação dos docentes tornam-se essencial, pois cada um tem a sua peculiaridade.

Constata-se que há uma trajetória a ser percorrida, longe de um trabalho finalizado, mas que sirva de começo para mobilizar diversos setores educacionais e organizacionais a fim de que desenvolvam um olhar mais apurado no âmbito da leitura e que, num futuro próximo, os graduandos dos Cursos de Bacharelado possam colher os frutos desse empenho e dar o devido prosseguimento.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se, dessa forma, mostrar um panorama de como está a leitura no Brasil e em especial a relação dos fatores que envolvem a falta de leitura (acredita-se que tais informações contribuem para o entendimento do porquê muitos jovens não leem) e as estratégias de desenvolvimento da leitura com o jovem universitário, objeto desta pesquisa.

Pela bibliografia utilizada como suporte, o que se percebe é que a leitura é a base da educação de qualquer nível de ensino. Embora ela deva ser bem estruturada no Ensino Fundamental, pelos professores e pela família; não há como “fechar os olhos” para o estudante que chega na universidade sem desejo de ler e sem bagagem leitora. É possível

buscar alternativas que encorajem estes estudantes a começarem a ler, o incentivo deve partir do docente. Porém, este deve estar preparado para isso, atualizado, sabendo usar de diversos suportes e entendendo as causas que levaram o estudante a não ler, quando, por exemplo, na sociedade, se entende que ler é uma tarefa de professores e de estudantes de educação básica. É preciso desmistificar este conceito, a motivação torna-se primordial. Oferecer livros, artigos atualizados, autores, conhecer o funcionamento da biblioteca, trabalhar conteúdos pelo livro literário, utilizar-se do suporte digital, tornam-se alternativas para isso.

É mister que se tem conhecimento que o docente (independente da área que atua) fará parte de um semestre de aula desses discentes, mas dentro desse tempo é possível conciliar atividades que requeiram a leitura e mostrar a importância de ler. Já é um começo. Acolhê-los no primeiro ano de graduação, direcioná-los para a leitura e, em consequência, formar leitores críticos e atuantes na sociedade. Talvez seja isto que falte: os estudantes entenderem o que a leitura irá acarretar em sua vida, seja profissional, particular ou pessoal.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, M. A. *Leitura e produção: desvelando e (re)construindo textos*. João Pessoa: Editora Universitária, 2000.
- BUARQUE, C. *A aventura da universidade*. São Paulo: Editora da UNESP; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- BURLAMAQUE, F. V. Os primeiros passos na constituição de leitores autônomos: a formação do professor. In: TURCHI, M. Z.; SILVA, V. M. T. (Orgs.). *Leitor formado, leitor em formação: a leitura literária em questão*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis, SP: ANEP, 2006.
- CARAVANTES, G. R. *Leitura dinâmica e aprendizagem*. 2. ed. Porto Alegre: AGE, 2006.
- COSSON, R. Entrevista com o Dr. Rildo Cosson. *Revista Práticas de Linguagem*. v. 4, n. 2, jul./dez. 2014. Entrevista concedida a Begma Tavares Barbosa.
- _____. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.
- FAILLA, Z. (Org.) *Retratos da leitura no Brasil 3*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2012.
- MAIA, R. T. A importância da disciplina de metodologia científica no desenvolvimento de produções acadêmicas de qualidade superior. *Revista Urutaguá*, PR, n. 14, 2008.
- MELLO, L. A. *A onda maldita: como nasceu a Fluminense*. FM. Niterói: Arte & Ofício, 1992.
- PETIT, M. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. Editora 34, 2009.
- _____. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: Editora 34, 2008, 192 p.
- _____. *Un arte que se transmite*. Passo Fundo, 2006, p. 99-116.
- PIRES, E. A. N. A importância do hábito da leitura na Universidade. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis*, v. 17, n. 2, p. 365-381, jul./dez., 2012.
- PORTAL BRASIL. *Ensino superior - Dados IBGE 2014*. Disponível em: <www.brasil.gov.br>. Acesso em: jan. 2016.
- RETTENMAIER, M. Sub-40, sub-20 e subzero: a literatura e a leitura em tempos de telas. In: RETTENMAIER, M., ROSING, T. (Org.). *Questões de ficção contemporânea*. Passo Fundo: UPF Editora, 2013, p. 142.
- REZENDE, L. A. Leitura na graduação. *Dossiê Temático Práticas de Leitura e Escrita*. v. 6, n. 8, UESB, Bahia, 2010.
- ROHING, T.; RETTENMAIER, M. *Arte e tecnologia: novos desafios na trajetória da formação de leitores*. Passo Fundo: UPF Editora, 2010.
- ROHING, T. M. K. Esse Brasil que não lê. In: FAILLA, Z. (Org.). *Retratos da leitura no Brasil 3*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2012. p. 93-106.
- SANTAELLA, L. *Comunicação ubíqua*. Paulus, São Paulo, 2013.
- SANTOS, A. M. M. C.; SOUZA, R. J. *Andersen e as estratégias de leitura-atividades práticas no cotidiano escolar*. São Paulo: Mercado de Letras, 2011.
- ZILBERMAN, R. A escola e a leitura da literatura. In: ZILBERMAN, R.; ROSING, T. M. K. R. (Org.). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009, p. 17-39.
- ZILBERMAN, R. *A leitura e o ensino da literatura*. Curitiba: IBPEX, 2012.

The profile of the academic reader of bachelor's degree programs

ABSTRACT

Reading is an issue that involves concern in all corners of the world. Knowing this, the intention through this article is to contribute to progress on reading the academic community, especially this profile of students and all who are interested on the subject. Unable to continue associating reading with only primary education and degree courses, it is essential one facing look at students in bachelor's, mainly by making them realize that by reading will be exercising the research, may participate effectively in society and expand their knowledge. Furthermore, there is the bibliographic research indicated that there are several reasons why students coming to Higher Education, have this gap, the lack of reading or fragmented reading. Among them can be highlighted through the family, social, school, lack of incentives, among other factors. Therefore, the teacher must be prepared to rescue and capture readers students, through a work done in their discipline, especially for beginners, because the intention is to motivate them to read from the moment you join the graduation, to which thus perpetuate. Still, he attempted to point out other strategies on how you can try to reverse this situation: use of digital media and information to students the benefits of reading for life.

Keywords: Academics. Reading. Education.

Data de recebimento: 01/02/2016

Data de aprovação: 19/05/2016

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*